

## Consciência do Espaço: Geografia, Sociedade e Educação

SANTIAGO, João Phelipe<sup>1</sup>

**RESUMO:** As determinações da geografia, da história, da sociedade, da cultura e da educação engendram-se de forma complexa e se refletem diferenciadamente como visão social de mundo em cada formação espacial, em cada região e lugar; enquanto vivência atrelada ao modo de vida. A consciência e espaço de cada pessoa, grupo, ou classe social, têm nexos a estes determinantes, bem como as percepções e interpretações gerais dos valores associados a cada vivente. Assim, buscamos entender os nexos da dialética concreta da realidade, a partir das experiências de ensino e de campo, de forma interdisciplinar, dando relevância aos significados e aos sentidos das Ciências Humanas correlacionando-os à análise do meio-ambiente e configuração territorial; seus potenciais paisagísticos, e questões ligadas à gestão e ao ensino. Nesse sentido, buscamos compreender a dimensão pedagógica e meta-pedagógica do desenvolvimento da consciência do espaço enquanto dimensão ontológica da totalidade viva e complexa. Todas as questões trabalhadas e levantadas estão associadas a complexidade da aceção geográfica ao discorrermos sobre a noção de potenciais paisagísticos e do turismo local, no município de Ibicoara (Bahia). Portanto, operamos nexos com o conhecimento teórico e empírico integradamente na sala de aula e nas aulas de campo, e nas viagens de exploração e reconhecimento dessa região nos últimos 30 anos de magistério na UESB. O método resgata a noção de valor do espaço e da vida dos potenciais paisagísticos da biodiversidade, em liame a emergência de novas territorialidades ligadas a expansão do ecoturismo, de agriculturas familiares e de exportação, e do cotidiano urbano e rural. Destaca-se a emergência da questão hidrográfica e do uso do solo devido as vantagens da situação geográfica desse município. Ademais, a produção do espaço e os impactos ambientais e as novas formas do uso do território estão conexas as perspectivas da gestão municipal e seu rebatimento na organização do espaço geográfico. Por fim, reforçamos a necessidade de uma educação ecológica centrada na estratégia de um saber para o desenvolvimento sustentável atento as demandas sociais ligadas à dinâmica do mercado e das redes geográficas; considerando o princípio da causalidade e o papel da consciência geográfica, por uma política econômica de desenvolvimento participativo que promova a cidadania plena, inserindo as comunidades locais. De modo a promover o intercâmbio de conhecimentos e experiências junto a rede de ensino em todos os níveis.

**Palavras-chaves:** História e Sociedade. Geografia e Educação. Cidadania e Consciência do Espaço.

**ABSTRACT:** The determinations of geography, history, society, culture and education are engendered in a complex way and are reflected differently as a social view of the world in each spatial formation, in each region and place; as an experience linked to the way of life. The space and consciousness of each person, group, or social class, have links to these determinants, as well as the general perceptions and interpretations of the values associated with each living being. Thus, we seek to understand the nexuses of the concrete dialectic of

---

<sup>1</sup> Prof. Dr. Titular – DG/PPGEO/CNPq/ Líder grupo de pesquisa Anthropos - joao.santiago@uesb.edu.br

reality, from the teaching and field experiences, in an interdisciplinary way, giving relevance to the meanings and meanings of the Human Sciences, correlating them to the analysis of the environment and territorial configuration; its landscape potential, and issues related to management and teaching. In this sense, we seek to understand the pedagogical and meta-pedagogical dimension of the development of the awareness of space as an ontological dimension of the living and complex totality. All the issues worked on and raised are associated with the complexity of the geographical sense when we discuss the notion of landscape potentials and local tourism, in the municipality of Ibicoara (Bahia). Therefore, we operate links with theoretical and empirical knowledge integrated in the classroom and in the field classes, and on trips on the exploration and recognition trips of this region in the last 30 years of teaching at UESB. The method rescues the notion of the value of space and life of potential biodiversity landscapes, in connection with the emergence of new territorialities linked to the expansion of ecotourism, family and export agriculture, and urban and rural daily life. The emergence of the hydrographic issue and the use of the soil is noteworthy due to the advantages of the geographical situation of this municipality. In addition, the production of space and environmental impacts and new forms of land use are related to the perspectives of municipal management and its impact on the organization of geographic space. Finally, we reinforce the need for an ecological education centered on the strategy of knowledge for sustainable development, aware of the social demands linked to the dynamics of the market and geographic networks; considering the principle of causality and the role of geographical awareness, for an economic policy of participatory development that promotes full citizenship, including local communities. In order to promote the exchange of knowledge and experiences with the education network at all levels.

**Keywords:** History and Society. Geography and Education. Citizenship and Space Awareness.

## INTRODUÇÃO

A consciência do espaço se reflete na importância de nossas ações em nosso cotidiano e no valor da situação geográfica de um determinado lugar, lembrando que sempre devemos pensar que não estamos sozinhos. Como são muitos elementos e fatores a serem considerados para o entendimento da complexidade onde estamos inseridos; é necessário apelar para uma visão/consciência que dê conta desta totalidade viva e complexa, na qual temos que interagir uns com os outros. Nesse sentido, cremos ser necessário avançar na construção do desenvolvimento de uma pedagogia da complexidade, que possa trabalhar a diversidade dos elementos e fatores que configuram a produção no espaço, seja na aparência das paisagens e cenários da realidade, seja em relação à compreensão dos processos internos que geram a formação social e econômica de cada situação geográfica.

Em outras palavras, desde a Antiguidade os pensadores, governos, políticos, professores, médicos, juristas, e demais profissionais e cidadãos têm buscado dar conta de um saber que possa melhor sintetizar a dinâmica de transformações permanente da realidade. Essa capacidade de apreensão desse todo em movimento e superação, predominantemente se dá independentemente de nossas vontades, mas que também é determinado pelas nossas ações ao longo da história da humanidade; ademais nosso comportamento é sobretudo condicionado pela evolução das relações sociais de produção e de consumo, bem como pela evolução social ligada aos modelos políticos – jurídico atrelada à formação espacial e cultural que nos caracteriza geograficamente, desde a dimensão do modo de produção dominante aos diversos modos de vida regionalizados e localmente produzidos como parte desse processo histórico totalizante, e nas suas mais diversas configurações de territorialidade; que possui nexos com a noção de território usado, parafraseando Milton Santos.

Esse esforço de tentar dar conta da totalidade viva e complexa chamo de pedagogia da complexidade, ou meta-pedagogia. Pois a interdisciplinaridade é sempre necessária para o avanço da compreensão de nosso comportamento sobre o universo e de como, uma vez modificado, torna a interferir decisivamente sobre nosso comportamento. Daí a necessidade cada vez mais de aprofundarmos um método histórico-dialético prospectivo, para dar conta desta totalidade, que também chamamos de espaço geográfico na sua maior amplitude, enquanto extensão humana, enquanto constructo, enquanto redes que se espalham e se entrecruzam em múltiplos sentidos concretos; materializando as ações, os fazeres, as práxis e as realizações na materialidade do mundo construído e engendrando todos os dias em todas as partes.

Mesmo que existam as fronteiras políticas, econômicas, sociais, culturais; as forças da natureza interagem independentemente da vontade humana, mesmo que haja alteração dos ciclos e redes pelas ações humanas (TRICART, 1980). A política econômica hegemônica tem se utilizado do desenvolvimento tecnológico criando a pretensão de dominar/controlar os recursos naturais, subjugando as necessidades vitais da sociedade/comunidade aos interesses do acúmulo de capital em si mesmo.

É urgente considerarmos o valor da vida, do suor, do sangue, da biodiversidade, promovendo melhores condições de trabalho e de ensino. Desenvolvendo uma educação

ecológica através de uma política de desenvolvimento sustentável concreta, que utilize sabiamente os recursos naturais e humanos da melhor forma.

A educação ecológica tem um papel fundamental para o desenvolvimento da consciência espacial da sociedade e do meio ambiente onde ela vive. Esta educação ecológica valorizando o valor dos recursos naturais, do potencial de trabalho da sociedade, da diversidade das culturas locais das diversas comunidades irá fundamentar o conhecimento deste grupo social e as suas gerações sobre a importância estratégica do saber preservar e saber usar a natureza, para que isso diminua os impactos ambientais do desenvolvimento das atividades agrárias, econômicas, comerciais e do consumo como um todo, possibilitando o desenvolvimento de atividades produtivas em geral e de um turismo sustentável e promissor (AB'SABER, 2003; DIAS, 2003; MORAES, 2002; SANTOS, 1987, 1996; ROSS, 1990, GUERRA, 1980).

Não esqueçamos que o desenvolvimento de um planejamento que procura utilizar os recursos hídricos, edáficos e do subsolo de maneira a preservar ao máximo a biodiversidade, estará construindo um futuro mais sólido para si e seus descendentes; e de todas as redes associadas como exemplos mais saudáveis da reprodução do modo de vida, e da circulação dos produtos resultantes, promovendo uma maior integração sustentável à sociedade e à natureza, ao bem comum. Formulamos algumas questões elementares para refletir sobre a gestão que não se organiza e se reproduz em função do bem-estar social comum.

E as consequências? O Estado e os poderes político-econômicos majoritários têm compreendido a teoria das causalidades e da inflação do ponto de vista geográfico, como relevância social para todas as comunidades, e principalmente as classes menos favorecidas? Qual o papel da ciência geográfica neste contexto? Como articular o conhecimento geográfico sobre o meio ambiente e a sociedade com uma política de desenvolvimento participativo? E a construção e a consolidação da cidadania plena, que considere não somente o IDH básico, mas a dimensão mais profunda da expectativa de vida, bem como o bem-estar e o grau de satisfação, ou seja, não somente o consumo, mas, sobretudo, a conquista da dignidade humana?

**A consciência do Espaço Vivo, e a da paisagem como momento e fluir permanentemente dinâmico da apreensão da totalidade/realidade concreta**

As paisagens atuais, enquanto ações/fazer geográfico, tempo acumulado da história social, pelo trabalho social, são resultantes de algumas dezenas de milhares de anos do ponto de vista das civilizações, e alguns séculos do ponto de vista da escala da formação territorial que no caso brasileiro são cerca de 5 séculos e 21 anos<sup>2</sup>, e de alguns milhões de anos na escala geológica. O Holoceno é o período geológico atual, segundo estimativas gerais aceitas, começou a cerca de 11.500 anos, ou seja, 9.600 a.C. O Pleistoceno é o período anterior, que se estende até cerca de 2,5 milhões de anos atrás, quando ocorreram vários períodos de glaciações e deglaciações até chegar o Holoceno, quando ocorreu a última glaciação e o último recuo do mar, e quando se formaram as praias atuais e os sedimentos mais recentes, gerando praticamente toda a configuração dos e topografia geral dos continentes atuais.

Pelo menos quatro dos princípios estratigráficos ainda hoje utilizados foram estabelecidos há mais de 300 anos: Nicolau Steno, em 1669, cunhou o princípio da **horizontalidade original**, a lei da **superposição** e o princípio da **continuidade lateral** das camadas sedimentares (ver fig. 1), enquanto James Hutton, em 1795, definiu o princípio estratigráfico que trata das **relações de intersecção** entre rochas e o das inclusões (TEIXERA, s/d).

**Figura 1** - Campo Redondo e Canyon da Cachoeira do Buração - Ibicoara. Chapada Diamantina – BA. Pelos princípios de N. Steno pode-se inferir a correlação entre as camadas sedimentares espacialmente dispersas com base na lei da superposição (V. Teixeira, idem).



**Fonte:** Fotos do Autor.

---

<sup>2</sup> 2021 – 1500 = 521; considerando-se a história oficial, relativa a época da vinda da esquadra de Pedro Álvares Cabral.

Nesse sentido, o espaço construído enquanto tempo acumulado, e conforme as paisagens observadas, é resultado da divisão do trabalho social, materializado na formação nacional, e na história da organização do território regional.

Assim, deve-se considerar o princípio da causalidade (POPER, 2002), o valor da situação geográfica de áreas potencialmente atrativas para o desenvolvimento de atividades turísticas de modo a promover a inserção das comunidades locais, junto a uma política municipal dirigida para o desenvolvimento sustentável e participativo. Da mesma forma, isso deve-se se estender às cooperativas e à agricultura familiar, e a outras formas de políticas públicas; de modo a promover o intercâmbio de conhecimentos e experiências junto à rede de ensino em todos os níveis. Nesse sentido, este estudo busca reforçar o papel da ciência geográfica neste contexto, induzindo a articulação do conhecimento interdisciplinar sobre o meio ambiente e a sociedade com uma política de desenvolvimento participativo. O destaque dado as ilustrações das paisagens de Ibicoara não obedece a nenhuma preferência específica. Mas faz liame a noção de valor das vantagens de uma determinada situação, que não é só geográfica, bem como educativa e pedagógica, visto ser resultado das aulas e pesquisas de campo desenvolvidas ao logo da função de magistério superior na UESB.

Ademais essa questão resvala da prática do planejamento e gestões municipal e regional, pois o valor do bem-estar e da qualidade de vida depende da compreensão e sentido que damos a nossas ações em relação às formas de apropriação do espaço efetuadas pelas redes de circulação e comunicação. Essas formas de apropriação determinam o valor da inflação histórica e do cotidiano sobre nossas vidas. Em outras palavras, refere-se ao custo de vida.

Portanto, houve uma pesquisa de campo e bibliográfica; bem como entrevista com a população e líderes da comunidade. E também devido à participação na I Conferência Municipal de Meio Ambiente, promovida pela Prefeitura Municipal de Ibicoara e pela Secretaria de Turismo e Meio Ambiente em 21 de outubro de 2005. Pode-se sistematizar informações acerca desta problemática, que envolve não somente um estudo geográfico das potencialidades paisagísticas, bem como uma análise associada da problemática social e da gestão municipal e estadual. Paralelo a isso, somam-se 34 anos de ensino e desenvolvimento de um método que possa dar conta da totalidade viva e complexa onde nos situamos, aplicado a inúmeras situações de diagnósticos e levantamentos exploratórios gerais desenvolvidos em dezenas de municípios e trajetórias diversas pelas estradas do estado da

Bahia, em todos os biomas de norte a sul, de leste a oeste, e nas serras e chapadas e nas redes hidrográficas, bem como na observação de perfis de solos e formas de uso da terra.

Através desses estudos, pesquisas e aulas, podemos aprofundar esse método fazendo nexos com a genealogia e história do pensamento social brasileiro consequente às influências do desenvolvimento geral das ciências. Nesse processo, procuramos dar destaque aos conceitos que substantivam as ações humanas e criam identidades, sobre um determinado espaço, lugar, região, território, cotidiano, redes de circulação e comunicação, e redes diversas ligadas aos aspectos técnicos-científicos-informacionais, Estado-nação, seja na escala local, estadual, regional, nacional e global. Todos esses procedimentos desaguam no espaço interativo onde se articulam opiniões derivadas de diretrizes educacionais que corroboram para o exercício da profissão de professor, que busca antes de tudo desenvolver a arte de pensar sobre esta realidade que nos determina e que buscamos sobreviver melhor em meio a ela. A pedagogia da complexidade seria uma dessas estratégias de sobrevivência e de crítica, num mundo que tem ampliado a ideologia do cansaço (BYUNG-CHUL HAN, 2015), impetrado pela economia-política neoliberal através da aceleração da velocidade e do ritmo de trabalho e dos afazeres no cotidiano, fazendo com que as classes médias e pobres paguem mais impostos, percam mais direitos trabalhistas e acesso a educação, saúde, habitação, trabalho e mobilidade social, muito menos a lazer e diversão.

A consciência do espaço, momento dessa pedagogia, além de ser uma vivência cotidiana, é algo que pode se desenvolver com metodologia especializada. A formação dos profissionais em geografia é um exemplo fundamental. Ratzel já falava da Escola do Espaço (SANTIAGO, 2005, 2013). A paisagem é algo vivo. Tal como o espaço geográfico tipo como uma totalidade viva e complexa. As grandes paisagens planetárias, totalidade de todas as paisagens retratadas, é o próprio planeta vivo, é a própria terra viva como nos falou Jean Tricart. A paisagem/espaço vivo está em permanente transformação. Logo as metodologias geográficas e pedagógicas devem buscar apreender essa realidade em seus diversos momentos e de forma dialética, tornando inteligível os que parecem ser mais óbvios com a evolução do conhecimento. E ir além das aparências dos fenômenos e aspecto visual das paisagens.

### **Entendendo o valor/vantagem da situação geográfica**

Cada Situação Geográfica de um lugar/região (espaço geográfico) possui suas características singulares e próprias. Essas características singulares e próprias, que tornam cada lugar diferente de outro, estão ligadas à configuração estrutural do lugar que é reflexo de como as propriedades se materializam através das redes existentes, que interligam todas as circulações e comunicações de todas as coisas e eventos.

Isso também diz respeito aos nexos entre as circunstâncias Humanas e as circunstâncias naturais. Nesse sentido é que se pode falar da necessidade de se construir uma consciência espacial através da educação ecológica. Daí a necessidade de se desenvolver uma pedagogia da complexidade. Os seres humanos ocupam o centro do ecossistema ou da estrutura espacial planetária. Por isso, a compreensão dos ciclos de energia, matéria e informação (CAPRA, 2001) é de importância vital.

Élisée Reclus, nos fins do século XIX, já alertava para a destruição e desmatamento dos Alpes, e as conseqüentes enchentes e do impacto nos povoados, desenvolvendo uma consciência sobre a complexidade; nos mostrando a importância de levarmos em consideração cada vez mais uma quantidade de aspectos para podermos compreender que “*O homem é a natureza adquirindo consciência de si próprio*”. Seu pensamento oscila entre a holística e a dialética e nos ajuda a compreender o mundo de forma mais conseqüente haja vista que são inúmeros os aspectos a serem considerados tanto quanto as estrelas do céu (SANTIAGO, 2016). Daí porque podemos também considerar que Reclus formulou o espaço como uma totalidade viva e complexa.

A compreensão da dimensão energética e material, conjuntamente ao entendimento dos fluxos e redes de informações, desenvolve o acordar para a existência real da consciência e da alma, e diz respeito ao espaço de uma meta-pedagogia, mas que não é o objeto a ser aprofundado neste artigo. Essa consciência é também de classes sociais, pois existe uma luta pelo espaço pela apropriação dos recursos e da força de trabalho. O ciclo da água/hidrológico se destaca como o cerne da dinâmica da biosfera e do manejo de todas as atividades humanas. Ou seja, a evolução da pedagogia na atualidade e a das ciências ligadas ao marketing dominante do modo de produção global têm colocado a dimensão do corpo material como a mais importante. O aprofundamento de todas as crises ambientais, econômica, política, culturais, abrirá caminho para o desvendar do mundo mais sutil que governa os nossos destinos. Vivemos então uma época do nascimento e construção de uma pedagogia da complexidade e meta-pedagogia, que venha a colocar a dimensão da consciência mais

profunda do ser humano e do universo, como estratégia de sobrevivência global.

Sendo assim é vital para a racionalização das atividades econômicas e sociais, bem como para uma política de valorização das potencialidades paisagísticas locais, o conhecimento e a gestão pública concebendo o espaço geográfico como uma totalidade viva e complexa.

### **O espaço geográfico como totalidade viva e complexa: o papel de uma pedagogia para uma consciência do espaço**

Natureza e sociedade devem ser tratadas como um único organismo, que interagem em reciprocidade, mutualidade. Por isso não somente as Ciências Humanas, as Ciências Sociais e Aplicadas, mas as que são tidas com Físicas e Exatas, se dão conta de uma certa tendência de imprevisibilidade dos eventos que governam o cosmos e os territórios onde se desenvolvem as comunidades sociais. O comportamento humano se torna cada vez mais imprevisível e o número de acidentes aumenta, bem como se expandem as crises em todos os sentidos.

Por isso é urgente aprofundar o conhecimento sobre as propriedades que regem nosso cosmo, bem como devemos aprofundar o conhecimento de como as redes geográficas se apropriam dessas propriedades naturais, sociais, econômicas, políticas e tecnológicas, determinando os modos de vida das diversas sociedades espalhadas pela superfície de todos os Países.

Assim, a natureza, entre outros aspectos, é composta pela atmosfera (ar, gases, ventos, temperatura, tempo, clima), pela hidrosfera (nuvens, massas de ar, clima, rios, lagos, açudes, barreiros, poços, lençóis freáticos, rede hidráulica urbana – saneamento básico), pela biosfera (flora, fauna, população/sociedade), e pela litosfera (rochas, minerais). Além disso, no solo se materializa um lugar de convergência/encontro dos elementos do ecossistema – espaço essencial de sustentação das comunidades/sociedades – o conhecimento do seu uso influencia diretamente a qualidade de vida das comunidades locais em função da polarização das regiões vizinhas, do país e do mundo. Exemplo: toda crise de mercado afeta diretamente os produtores locais em função das vantagens comparativas das mercadorias produzidas localmente, do comércio, de toda a estrutura produtiva econômica e financeira a que está atrelado.

Em liame a essa questão existem os fatores que influenciam na distribuição dos

vegetais e na biodiversidade e isso se resvala na crise ambiental e na crise da lógica monopolística. Haja vista que é dominante o processo de apropriação e produção do espaço regional pelas atividades mais extensivas voltadas ao mercado de exportação. Em Ibicoara, a cafeicultura e a expansão das atividades agrícolas de grande impacto ambiental como as fazendas lideradas por japoneses, junto à pecuária tem refletido nos ciclos ambientais, principalmente no ciclo hidrológico.

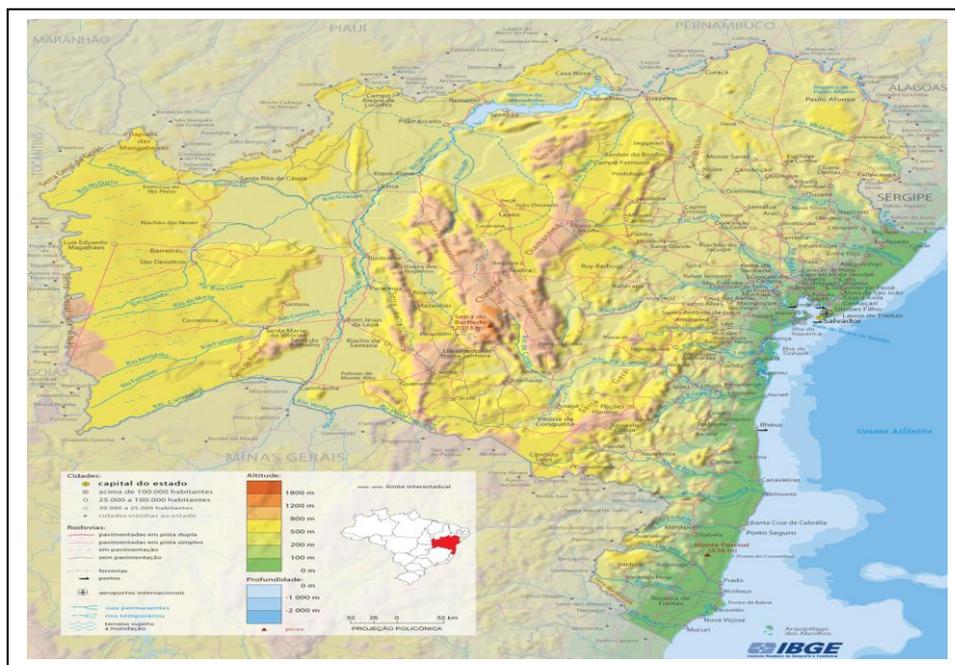
Sendo assim, a oferta de água nas redes naturais tem diminuído devido ao efeito do desmatamento e das atividades agrícolas nas últimas décadas. Assim o homem enquanto integrante da antroposfera, isto é, da sociedade, não tem considerado suficientemente o modo de produção e de sua formação social, como fatores fundamentais na configuração do espaço geográfico. O grau de cultura e o conhecimento como recurso não têm sido considerados devidamente pela gestão municipal, que negligenciam a construção de melhores escolas e a promoção das relações de trabalho do magistério. Assim, a organização do espaço geográfico é desvinculada de uma política eficiente de organização da rede geográfica, como o planejamento municipal/estatal engendrando a infraestrutura em harmonia com a natureza (aproveitando as vantagens da situação geográfica e do potencial dos recursos naturais/sociais). Como não se faz isso, a dinâmica social fica amorfa, débil, acomodada, sem incentivos e sem horizontes para o seu próprio desenvolvimento sadio e próspero (MOREIRA, 1970; GUERRA, 1980; SANTOS, 1987, 1996; ROSS, 1990; MORAES, 2002; AB'SABER, 2003; DIAS, 2003).

Qualquer que seja o estado, região ou lugar, pode-se aplicar estes princípios de análise. Falar da Bahia, por exemplo, não se deve a nenhuma propriedade específica, mas como é o Estado onde temos desenvolvido nossas atividades pedagógicas ligadas ao ensino de geografia, achamos por bem ilustrar este trabalho citando exemplos concretos que sirvam como resposta ao problema da gestão pública e privada. A Bahia ocupa uma posição geográfica estratégica em relação ao Brasil Atlântico, pois é uma posição central (fig. 2). Além disso, é o estado que possui maior número de fronteiras com outros estados, o que promove uma boa dinâmica de mobilidade espacial e intercâmbio populacional, bem como através das redes geográficas (SANTIAGO, 2005, 2013). E ter o mais extenso litoral do Brasil Atlântico, além das áreas estratégicas de preservação ambiental marinha como a região de Abrolhos, como parte configuradora de uma das mais importantes plataformas continentais e de corais.

Este estado fica numa posição privilegiada com relação a importantes rios nordestinos. O rio Paraguaçu e o rio de Contas e, também, é atravessado pelo maior rio do Brasil Atlântico, o São Francisco. Decorrente disso, fica também numa posição privilegiada em relação à orografia, pois fica numa área de relevos culminantes. Por um lado, isso torna suas qualidades hídricas privilegiadas, mas por outro lado não tem se livrado do processo de degradação ambiental e, conseqüentemente a isso, poluições e diminuição do potencial hídrico devido o desmatamento e a expansão das monoculturas.

A vantagem da situação geográfica em relação aos potenciais paisagísticos (AB'SABER, 2003) se reflete na grande variação dos domínios morfoclimáticos, em função da estrutura geológica/geomorfológica, face ao encaixamento da rede hidrográfica e das variações sazonais climáticas. O que favorece em qualquer época do ano o usufruto das paisagens. A variação morfoclimática das paisagens imprime uma diversidade de belezas paisagísticas incomparáveis como qualquer outra parte do Brasil. E este potencial é que se reveste num novo campo de atuação das redes geográficas conexas a emergências das novas territorialidades turísticas.

**Figura 2** - Principais estruturas do relevo da Bahia hidrografia e redes de transportes



**Fonte:** IBGE

Por ser uma região que se entrelaçam 4 grandes domínios de vegetação: as florestas perenes como a Mata Atlântica, que se estende até domínios territoriais da Chapada Diamantina; as florestas estacionais semidecíduais que formam os mais diversificados tipos

de agrestes, juntamente com as vegetações de montanha e submontana, e de contato com as estepes; os cerrados (domínio da região de savana), arbórea aberta sem floresta galeria e com floresta galeria, e de contato com os refúgios ecológico montano; e os domínios das estepes (caatingas), arbórea densa e/ou aberta, com palmeira e sem palmeira, que circundam a Chapada Diamantina, formando grandes áreas pediplanadas, os sertões. A região de Milagres, ao sul de Feira de Santana, bem caracteriza essas paisagens. Esses 4 domínios de vegetação se articulam com as estruturas geomorfológicas criando uma diversidade de paisagens extraordinárias e ricas para exploração e deleite de atividades turísticas e utilização agrícola sustentável.

Outro aspecto de relevância, é a Chapada Diamantina enquanto grande ambiente retentor de águas. É o fato desta região ser de nascente das principais bacias hidrográficas da Bahia. Paraguaçu e a do Contas, por sua vez, é uma área de picos culminantes: Barbados (2033m), Almas (1836m). A importância estratégica das áreas de nascentes possui liame com o passado geológico de movimentação tectônica; sendo hoje uma região de alto curso dos rios. O valor da bacia do Paraguaçu e do clima com características subtropicais no Nordeste. O clima como recurso fundamental. Todas estas características devem ser bem ponderadas no planejamento regional e urbano das cidades.

Outro aspecto para ser levado em consideração no planejamento/gestão diz respeito à estrutura social e à história da formação social e da ocupação do espaço regional. Dessa forma, a cultura local e seu respectivo grau de cultura, níveis de conhecimento, educação, influência nas atitudes, na relação social, no trato com a natureza, com o solo e as fontes de recursos naturais, com as técnicas, deve ser levado em consideração pelo gestor. A estrutura social reflete os domínios de poder econômico, político, cultural e, conseqüentemente, os níveis de favorecimento (vantagens e desvantagens) em relação ao engajamento político econômico e social. Existem os que têm poder econômico e são ignorantes quanto à melhor utilização desta vantagem. Exemplo: desperdícios, falta de empenho com o social que lhe fornece mão de obra, não investem nas localidades de onde retiram o lucro. Existem os que têm conhecimento, boa vontade e não possuem os recursos econômicos. Exemplo: desperdício de talento; necessidade de traçar política de desenvolvimento de cooptação. Existem os que têm oportunidades financeiras e desperdiçam por falta de experiência; existem os que com pequeno incentivo e apoio técnico e de infraestrutura conseguem se estabelecer; existem os excluídos, e os que são mascarados nas estatísticas. Enfim são muitas as

possibilidades a serem analisadas, mas esta dimensão (classes sociais) reflete o calcanhar de Aquiles das crises: Estado – capital – sociedade.

Uma pedagogia da complexidade tem que levar em conta as dimensões das demais ciências que identificam ao papel concreto das propriedades que governam as redes onde o capital é realizado através do consumo das mercadorias que condicionam o nosso comportamento, qualidade de vida e bem-estar. Promover o estudo da complexidade no sentido do entendimento e compreensão dos elementos e fatores fundamentais que governam e nos estruturam com seres humanos compostos por bilhões de células que, por sua vez, são compostas de substâncias materiais que provem da natureza, da agricultura, das indústrias e das identidades culturais engendradas da complexidade ligadas à dimensão do conhecimento e das identidades de comportamento. Podemos afirmar que se trata de percebermos a dimensão material e imaterial (sentimentos, desejos, necessidades dos sentidos e da moral) (CARDOSO e SANTIAGO, 2017, 2018). Além de engendrar uma política e gestão voltadas para o bem-estar social, independentemente dos gostares particulares, pois a qualidade de vida e o bem-estar social transpõem a mera questão superficial e subjetiva das vontades ligadas a modismos.

Estamos falando do que determina os fatores reconhecidamente aceitos, como padrões internacionais ligados ao IDH, a expectativa de vida, a qualidade de vida e ao bem-estar e satisfação social. Isto é, o aspecto inalienável das energias e forças da natureza, que compõem a integridade do ser humano enquanto filho da natureza e da sociedade. Mas que vêm sendo retaliados e fragmentados pela ingestão de quantidades cada vez maiores de venenos gerados pela civilização industrial (BOMBARDI, 2017) e alienação cultural do que tem sido entendido pela medicina e demais ciências humanas e da saúde como padrões que geram maior e melhor expectativa de vida.

É importante destacar que a professora Larissa Mies Bombardi está sendo perseguida, no Governo de Jair M. Bolsonaro, por publicar entre outras questões mostrando que 30% dos agrotóxicos utilizados no território nacional não tinham mais registro aprovado na União Europeia (UE), e isso teria a ver também com os 10 produtos mais vendidos no Brasil.

### **Espaço e propriedade: o conhecimento como recurso, o uso da terra e o turismo**

O conhecimento como recurso é um fator primordial na gestão do espaço. A crise ambiental e o modelo político-econômico têm evidenciado essa verdade através de uma Geografia das redes. O espaço geográfico enquanto totalidade e rede é função de múltiplas propriedades naturais, sociais, econômicas, tecnológicas, culturas que são apropriadas a partir do território pelas redes geográficas e transformadas em valores materiais e político ideológicos enquanto momentos da acumulação de capitais, quer como necessidade de domínio, quer como vitais para sobrevivência e reprodução social, alienada ou não.

Dessa forma as redes devem ser replanejadas em função do valor do próprio povo – valorização do elemento humano – valor do conhecimento, das habilidades e das forças espirituais – valor da comunicação e do ensino criando uma coesão social em torno da crise ambiental e das novas oportunidades de desenvolvimento regional e criação de renda. Por isso, se engendrará novas positivities de produção social, desenvolvendo a consciência espacial sobre as vantagens/valor da situação geográfica. Nesse sentido é estratégico o papel da secretaria de Turismo e Meio Ambiente dos municípios.

Sobre o turismo e desenvolvimento, questões básicas: a questão da dependência, centro-periferia, reestruturação industrial, comércio local, regional, nacional, mercadoria e produção capitalista, ideologia, desenvolvimento sustentável, desenvolvimento comunitário, fenomenologia, gestão, ensino, geopolítica, são alguns dos temas que devem ser dinamizados nas atividades de educação e promoção do conhecimento voltado a aplicabilidade das questões locais de desenvolvimento sustentável, buscando salvar o potencial das paisagens e da população local (ANDRADE, 1977; GARCIA, 1978; PIQUET, 1990; BOCHINIDK, 1992; GUERRA, 1993, 1994; BECKER, 1995; DOREY, 1995; DALMAS, 1999; COSTA, 2001; DIAS, 2003).

O potencial turístico que reveste o Estado da Bahia reconhecido em vários estudos e de planejamento governamental, haja vista o enorme significado geográfico em relação ao valor estratégico das paisagens causado pela complexidade ambiental que originou tais configurações paisagísticas. Assim, a Bahia como um todo é um celeiro de paisagens que podem ser exploradas não somente no campo do turismo, mas, sobretudo no campo da criação de um modo de produção autossustentável, que valorize o modo de vida familiar. Diversas regionalizações sobre a Bahia podem ser observadas, retratando diversas culturas e formas de ocupação do solo, com a predominância da cafeicultura nas regiões de planalto; a pecuária é

dominante em todas as regiões e a pesquisa de campo evidenciou em Ibicoara o domínio de média e pequenas propriedades (SILVA, 2003).

A Chapada Diamantina se configura em diversos compartimentos geomorfológicos ricos de potenciais paisagísticos. Por ser uma região de acúmulo paleo-geológico de águas, a rede hidrográfica é também abastecida pelos mananciais subterrâneos. A ação descontrolada e a expansão agrícola voltada para os grandes mercados feita sem o manejo ambiental adequado têm provocado um déficit na oferta natural de água, o que tem se refletido nas economias das comunidades locais (SZMRECSÁNYI, 1979; SILVEIRA, 1987; CASTRO, 1996).

**Figura 3** - Mirante do Campo Redondo – Ibicoara-BA. 2010. Uma das visões mais famosas que projetou Ibicoara no cenário do ecoturismo nacional e mundial. Ao fundo no último plano - em forma de pirâmide é o Morro do Ouro em Barra da Estiva.



**Fonte:** João Phelipe

A expansão do turismo e o uso da paisagem como espetáculo, e das novas emergências ambientais, como a questão do aquecimento global, tem provocado a migração de pessoas das capitais para a região da Chapada e isso tem provocado uma recente valorização das terras, como é o caso de Campo Redondo que fica a cerca de uns 20 km de Ibicoara. Entre 2005-2010, em 5 anos houve uma valorização de cerca de 500% do hectare de terra (ver fig. 3). A valorização da terra continua de forma ascendente, embora pode-se encontrar situações mais vantajosas em função do proprietário estando passando por crise financeira, vender sua área a um preço menor que o do mercado geral.

Isso tem gerado o aumento da especulação de terras, ao mesmo tempo que tem também funcionado como fator de polarização de novos serviços, atraindo inclusive empresários que cogitam a construção de hotéis nas áreas adjacentes ao PNCD. Bem como tem atraído pessoas em busca de lugares que tem a paisagem como espetáculo, na aquisição de pequenas propriedades em lugares onde a agricultura camponesa está em crise financeira e social.

É urgente a mudança de mentalidade face ao agravamento da crise mundial ecológica. Questão que tem passado ao largo da opinião e consciência social, principalmente no Brasil devido à crise da educação e da precarização do trabalho gerando um aumento do exército populacional de reserva. Nesse sentido o povo está muito mais preocupado com a sobrevivência do que com as questões ecológicas mesmo que no sentido prospectivo tenha ver diretamente com a sua sobrevivência. As questões ligadas a coisificação (KOSIK, 1976), alienação, reificação (LUKÁCS, 2003) estão diretamente associadas ao nível de cultura e o grau de desenvolvimento das forças produtivas e das relações sociais de produção, que se materializam em cada região e lugar; bem como as redes ligadas à esfera da comunicação de massas e ao processo de produção de marketing e contrainformações veiculadas no ciberespaço e nas redes de televisão ligadas à grande imprensa, principalmente. O processo de massificação popular e narcisismo e ideologia do ódio das classes dominantes, veiculada pela extrema direita através da Presidência da República, tem empurrado violentamente o Brasil para níveis inferiores ligados à reprodução do modo de vida da maioria da população, que se vê pressionada diariamente ao crescente trabalho informal sem maiores ajudas do Estado em relação à melhoria das políticas públicas, o que fez com que o Brasil passasse de sexta potência mundial para décima segunda potência mundial em menos de 4 anos, depois do golpe de governo contra Dilma Rousseff em 2015.

Cabe destacar o papel da ACVIB (Associação dos Condutores de Visitantes de Ibicoara) (fig. 4), que tem feito um trabalho de organização das trilhas e de educação ambiental, que conjuntamente com outras associações tem resistido na luta pela preservação e manejo sustentável das paisagens e do meio ambiente. Mesmo trabalhando na contramão sem incentivos adequados e apoio político e econômico. O que se observa é o amor pela terra que se projeta nas ações voluntárias e sobrevivendo com poucos recursos. Por isso, é urgente uma política que contemple o potencial de habilidade dos nativos face ao crescente aumento da procura por esse tipo de campo de serviços, o turismo ecológico.

**Figura 4** - Campo Redondo – Janu líder comunitário e presidente da ACVIB, dando apoio explicativo de características do bioma dos Gerais, na aula de campo organizada pelo Prof João Phelipe Santiago, com alunos da graduação de Geografia da UESB em 2010.



**Fonte:** foto do autor.

**Figura 5** – Alunos da graduação de Geografia/UESB em aula de campo do Prof. João Phelipe. 2010. Seguindo a estrada depois de Campo Redondo para o PNCD (Parque Nacional da Chapada Diamantina, e também caminho para a Cachoeira do Buracão). Observe-se a encosta onde existem nascentes, como veremos em foto adiante.



**Fonte:** foto do autor.

### **Para não finalizar**

Fica patente o papel do professor e sua formação para os estudos ligados ao ecodesenvolvimento, e a participação dos discentes (fig. 5) desenvolvendo novas percepções sobre o espaço geográfico, alertando para emergência de novos valores vitais ligados

sobretudo à crise ecológica e de abastecimento, e o aumento do grau de deterioração do meio ambiente e dos alimentos e produtos consumidos. Ao mesmo tempo que há um aumento da deterioração do metabolismo social e aumento do stress social, por exemplo, o aumento dos casos de crise de depressão; aumento do uso de antidepressivos e aumento das doses de medicamentos cada vez mais fortes. Ou seja, o entendimento da crise ecológica não é só do ambiente externo, mas sobretudo da consciência humana; de como compreende a interligação de seu corpo, mente e espírito, e dos valores que subjagam o comportamento social para a reprodução de uma sociedade consumista que retroalimenta o *status quo*. Como sempre nos lembrou Milton Santos, não é uma questão de consumo, é sobretudo uma questão de conquista da cidadania enquanto “dignidade”. Logo uma questão geopolítica que passa quiçá pela conciliação de classes, e eliminação de uma política excludente para uma política e gestão solidária, de acesso aos bens e inovações que gerem desenvolvimento sustentável e autônomo das agriculturas familiares e da autonomia das pequenas e médias propriedades, e do cooperativismo e redes de feiras agroecológicas. Se não houver uma integração entre o espaço rural e o urbano, e os setores produtivos (primário, secundário, terciário e quaternário), no sentido de as cidades deixarem de ser apressamento de pessoas, por causa da pressão da migração em função do desenvolvimento desigual e combinado do capitalismo; continuaremos a ter o fosso entre a maioria de pessoas vivendo em situação de barbárie social à mercê de uma política negacionista e genocida; e, do outro lado, uma elite minoritária que odeia a ascensão social que venha a tirar o povo dos bolsões de fome e miséria excludente, e uma massa de jovens fetichizados pelas redes virtuais de *fake news*, dispersão social, etc, e ideologias que não promovem a dimensão da dignidade e construção da cidadania plena.

A escolha deste tema de pesquisa surgiu de observações e análises em mais de 30 anos de pesquisas de campo em função das aulas ministradas no curso de licenciatura em Geografia da UESB, na especialização e no mestrado em Geografia (PPGEO).

É importante ressaltar que a valorização do potencial das paisagens deve ser feita em paralelo à criação de uma infraestrutura urbana que valoriza o turista e sobretudo crie ambientações para a própria população local que funciona como dinamizadora das relações sociais e comerciais. É também mais um alerta as gerações atuais e futuras sobre a necessidade de construir conhecimentos integrados que dê conta da complexidade das determinações de nossa existência, priorizando os elementos e fatores que contribuam com uma melhor qualidade de vida e bem-estar.

Em outras palavras, o que produz sangue e metabolismo pessoal e social de boa qualidade e sentimento de solidariedade e paz. Produzir um espaço que promova essa dimensão material (sangue sem inflamações, infecções e vírus, e doenças degenerativas) e a dimensão espiritual (cultura de colaboração e solidariedade, que promova a união e unidade em prol do desenvolvimento social pleno, que gere felicidade a um maior número de pessoas, senão a toda a humanidade) é o maior desafio da humanidade e das gestões sobre os territórios.

A gestão tem que levar em conta que o espaço é um organismo que possui um movimento dialético. Cada parte deve se articular em função do desenvolvimento do todo (ANDRADE, 1975, 1979, 1985, 1988; SARMENTO, 1982). Isso é um pequeno exemplo de algo tão óbvio. Só que isso não é uma questão apenas deste exemplo. Há uma infinidade de questões que são urgentes para a promoção de uma maior dinâmica interativa entre as pessoas de uma determinada comunidade para que ela saia do ostracismo.

Desenvolver espaços de interação solidária é o caminho essencial, como, por exemplo, praças que não sejam simplesmente uma área de circulação e lugar para sentar com bancos, mas que sejam espaços de interação inteligente, que possam promover as inovações e novidades no campo da arte, da cultura, do artesanato, de alimentação saudável, de atividades lúdicas e de esportes. Nesse sentido, as escolas precisam melhor se aparelhar na infraestrutura e na elevação e aprimoramento dos profissionais da educação. Bem como desenvolver uma política de interação e intercâmbio entre os diversos centros do saber regionais, nacionais e internacionais. Para interagir em experiências e condutas que gerem mudanças positivas no desenvolvimento de espírito que promova a criatividade e construção de espaços que faça prosperar o potencial criativo e social da comunidade para seu auto sustentabilidade.

Por fim, ficou a compreensão de que estas questões aqui levantadas e inicialmente desenvolvidas perpassam toda a problemática de desenvolvimento territorial do Brasil, a qual em face aos grandes potenciais paisagísticos não tem recebido as devidas políticas de desenvolvimento que valorize, sobretudo a população local. Daí por que podemos dizer que falta o domínio da geografia crítica na política de gestão e planejamento no Brasil. Uma disciplina assim não pode ter uma participação tímida no planejamento e gestão do espaço (SILVEIRA, 1987).

Nesta pesquisa ficou comprovado que a ação antrópica é muito importante na causação dos impactos ambientais, e que se não for tomada uma medida estratégica em

relação aos potenciais hídricos e de vegetação, a crise de abastecimento irá se alastrar, pois já é notória a diminuição da oferta de água na rede hidrográfica e nos poços, na Bahia. Daí porque a questão do uso da água, e das bacias hidrográficas deveria ser um fator a priori em qualquer planejamento, que vise a produção de toda atividade agrária e urbana no território.

Outra questão crucial é que a geografia enquanto estudo da totalidade viva e complexa, alerta para o equilíbrio delicado do meio ambiente face as pressões populacionais e de mercado; o qual cria a expectativa da vantagem do lucro, mas não adverte em relação às consequências que determinado padrão de utilização do solo e dos agrotóxicos, e dos recursos; e de como tudo isso afeta as gerações seguintes.

Logo, de Marx, entendemos o espaço como uma luta de classes por interesses conflituosos e contraditórios, mas cujo objetivo maior seria a construção de uma sociedade igualitária. Com Ratzel (SANTIAGO, 2005), aprendemos que o espaço possui um valor diferencial ligado a posição/situação geográfica dos potenciais dos recursos seja natural e/ou social, e que o poder está na forma como se articulam e se centralizam as redes no território. Por fim, com Milton Santos temos aprofundado os estudos considerando a geografia como uma ciência da rede e uma filosofia das técnicas. Todas essas perspectivas corroboram para a compreensão da aplicação da geografia seja no campo do ensino e de uma meta-pedagogia, bem como na gestão governamental e privada.

Uma pedagogia da complexidade tem de andar de braços dados com uma Geografia Ativa, de práxis social, também voltada para o estudo da totalidade viva e complexa, enquanto espaço das interações humanas, seja pela luta de ideais comuns, seja pela concorrência legal, mas que gere comportamentos e normas eticamente saudáveis, das formas de controle das redes de circulação e comunicação que determinam a realização atual do capital. Promover uma gestão que corrobore com a expansão de uma consciência do espaço atrelada a construção de uma cidadania plena, têm sido meu objetivo enquanto profissional da educação voltada para o estudo e aplicação de conhecimentos que gerem um melhor bem-estar, e qualidade de vida em todos os momentos da existência humana.

Assim terminamos estas reflexões evidenciando que o governo que não priorizar a educação ambiental e de todos os setores da economia de forma integrada e autossustentável e autônoma, e que esse comportamento social seja objetivo de a uma maior consciência das propriedades do espaço, estará fadado a transportar meras ovelhas (gado social) que não

poderão desenvolver, ou tardarão em aplicar o senso crítico sobre os elementos e fatores que determinam as suas existências.

É urgente em todos os lugares o desenvolvimento de uma rede integrada de ensino, das creches e do ensino fundamental à pós-graduação. As propriedades da natureza são dados a priori em qualquer planejamento e gestão, seja a que nível objetivo. Por isso o desenvolvimento social enquanto *modus operandi* objetivando uma qualidade de vida mais elevada é primordial. A criação de escolas com infraestrutura plena seria no meu entender a melhor política para fazer crescer e desenvolver plenamente as sementes do futuro, os filhos da nação. A questão da mobilidade dos transportes escolares e dos discentes é também uma questão crucial (Fig. 6.).

**Figura 6** - Praça de Ibiçara com vários ônibus escolares patrocinados pela prefeitura em 2005, movimentando a população na rede municipal de ensino, através dos povoados. Essa realidade não mudou em 2021, mas tem se agravado na Bahia e no Brasil.



**Fonte:** foto do autor.

**Figura 7** - Crianças simbolizando a necessidade de união para o despertar de uma nova consciência de manejo ambiental por parte de toda a sociedade.



**Fonte:** foto do autor.

Para não concluir, fica mais essa reflexão a partir desta imagem das crianças (Fig. 7) que tem no fundo a serra do Sincorá, uma estrutura geológica que atravessa o centro da Bahia responsável pelo arqueamento da Chapada Diamantina, criando um grande divisor de águas de norte a sul do Estado. De um lado, condicionando as vertentes para o Atlântico e, do outro, lado para o São Francisco. Esta Serra se configura como a espinha dorsal deste Estado, consequentemente a estrutura nervosa ecológica fundamental.

Preservá-la com sabedoria e conhecimentos científicos atualizados é uma atitude paralela a viver toda a vida sem problemas na coluna vertebral. Ao mesmo tempo que terá um metabolismo sem maiores problemas devido à diminuição da degeneração celular em função da ingestão de dezenas de tipos de agrotóxicos e produtos químicos nos alimentos. A água pura (Fig. 8 e 9) é essencial para o desenvolvimento da harmonia social e vida longa de qualidade. A poluição e aumento da inflação é justamente o contrário; resultado do aumento da acumulação desigual de capitais e conflitos/contradições sociais. Consequentemente destruição das propriedades naturais que geram bem-estar e qualidade de vida, aumentando assim a inflação geográfica e do modo de vida.

**Figura 8** - Fonte de água mineral na encosta oposta ao mirante do Campo Redondo, parte do complexo da Serra do Sincorá. Aluna do curso de graduação de Geografia da UESB, saboreando a água mineral in natura. Ibicoara. 2010.



**Fonte:** foto do autor.

**Figura 9** - Caminho para a cachoeira do Buração. Vista de cima de parte da Cachoeira. O professor João Phelipe e alunas da graduação de Geografia em aula de campo, observando de cima o paredão que forma a queda d'água exuberante.



**Fonte:** IBICOARA, 2010.

Com estas imagens finalizamos este artigo, acreditando na vitória da educação, e na libertação de toda a humanidade, construindo-se uma visão de mundo na perspectiva da integração de os conhecimentos e práticas que gerem sustentabilidade e autonomia.

## REFERÊNCIAS

AB'SABER, Aziz Nacib. Relevo, estrutura e rede hidrográfica do Brasil. *In: Boletim Geográfico*. IBGE XIV, maio/junho, 1956.

AB'SABER, Aziz Nacib. **Os Domínios de natureza no Brasil: Potencialidades Paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

ANDRADE, M. C. **A Terra e o Homem no Nordeste**. São Paulo: Atlas, 1985.

ANDRADE, M. C. **O Nordeste e a Questão Regional**. São Paulo: Ática, 1988.

ANDRADE, M. C. **O planejamento regional e o problema agrário no Brasil**. São Paulo, Hucitec, 1976.

ANDRADE, M. C. **O Processo de Ocupação do Espaço Regional do Nordeste**. Recife: Sudene, 1979.

ANDRADE, M. C. **Paisagens e Problemas do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1977.

BOMBARDI, Larissa Mies. **Geografia do Uso de Agrotóxicos no Brasil e Conexões com a União Europeia**. - São Paulo: FFLCH - USP, 2017. E-book. ISBN:978-85-7506-310-1

BECKER, Bertha. (org). **Geografia e Meio Ambiente no Brasil**. São Paulo – Rio de Janeiro: Hucitec, 1995.

BOCHNIDK, Regina. **Questionar o conhecimento**. Interdisciplinaridade na escola. São Paulo: Editora Loyala, 1992.

BYUNG-CHUL HAN. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

CARDOSO, Edvagno J. B. e SANTIAGO, João Phelipe. **Reapropriação material e imaterial da natureza na contemporaneidade: CONTRADIÇÕES E DILEMAS**. ENANPEGE. XII Encontro Nacional da ANPEGE Geografia, Ciência e Política, do pensamento à ação, da ação ao pensamento. Porto Alegre de 12 a 15 de outubro de 2017.

CARDOSO, Edvagno J. B. e SANTIAGO, João Phelipe. Reapropriação material e imaterial da natureza na contemporaneidade: Contradições e dilemas. *In: SANTOS, Fabiane dos (Org). Geografia no Século XXI – Vol. 5*. Belo Horizonte/MG: Editora Poisson, 2018. ISBN: 978-85-7042-159-3. DOI: 10.36229/978-85-7042-159-3.

CAPRA, Fritjof. **As Conexões Ocultas**. São Paulo: Cultix, 2001.

CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Brasil - Questões atuais da reorganização do território**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil. S.A, 1996.

COSTA, Vera Lucia Cabral. **Descentralização da Educação**. Novas formas de coordenação e financiamento. 2. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2001.

DALMAS, Ângelo. **Planejamento Participativo na Escola**. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1999.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação Ambiental**. 8. ed. São Paulo: Gaia, 2003.

DOREY, Ribeiro. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GARCIA, Valter E. **Educação Brasileira Contemporânea: Organização e Funcionamento**. Pernambuco: Ed. Mcgran-Hill do Brasil, 1978.

GUERRA, A. T.; BATISTA, S. **Geomorfologia: uma atualização de Bases e Conceitos**. Bertrand, 1993.

GUERRA, Antonio J. T.; CUNHA, Sandra Baptista da. **Geomorfologia e Meio ambiente**. São Paulo: Bertrand Brasil, 1994.

GUERRA, Antônio Teixeira. **Recursos naturais do Brasil**. 3. ed. Rio de Janeiro: FIBGE, 1980.

KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LUKÁCS, George. **História e consciência de classe**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MORAES, Antonio C. R. **Meio ambiente e Ciências humanas**. São Paulo: Hucitec, 2002.

MOREIRA, R. **O Discurso do Avesso: Para a crítica da Geografia que se ensina**. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1970.

PIQUET, Rosélia et al. **Brasil - Território de desigualdade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed. Fundação Universitária José Bonifácio, 1990.

POPER, Karl Raimund. **A lógica da Pesquisa Científica**. 14. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2002

PROJETO RADAM BRASIL. **Potencial dos Recursos Hídricos**. FOLHA SD. 24 SALVADOR. 1999.

ROSS, Jurandir L. Sanches. **Geomorfologia Ambiente e Planejamento**. São Paulo: Contexto, 1990.

RECLUS, Élisée. **O homem é a natureza adquirindo consciência de si próprio**. In: ÉLISÉE RECLUS (Org.). Manuel Correia de Andrade. São Paulo: Editora Ática, 1985.

ROSS, Jurandyr L. Sanches (org.). **Geografia do Brasil**. Didática 3. São Paulo: Edusp, 1995.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 1987.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço e tempo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel, 1985.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica, Razão e Emoção**. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2003.

SANTIAGO, João Phelipe. **A questão nacional na geografia Ratzeliana e sua assimilação no pensamento social Brasileira República Velha**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 2005.

SANTIAGO, João Phelipe. **O espaço geográfico e a geografia do estado em Friedrich Ratzel**. Vitória da Conquista. Edições UESB, 2013.

SANTIAGO, João Phelipe. O Espaço Geográfico como Totalidade Viva e Complexa em Reclus. **Terra Brasilis (Nova Série)** [Online] 7, 2016. Disponível em: <http://journals.openedition.org/terrabilis/1877>; DOI: <https://doi.org/10.4000/terrabilis.1877>. Acesso em: 25 maio 2021.

SANTIAGO, João Phelipe. A VALORIZAÇÃO ESTRATÉGICA DO TERRITÓRIO NA ACEPÇÃO RATZELIANA. **Anais do I Congresso Brasileiro de Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território: racionalidades e práticas em múltiplas escalas (1º CONGEO)**. PUC/ Campus Gávea - Rio de Janeiro. 8 a 10 de outubro de 2014. Disponível em: <https://www.editoraetra1.com.br/anais-congeo/arquivos/978-85-63800-17-6-p159-170.pdf>

SARMENTO, Walney Moraes. **Nordeste - A urbanização do subdesenvolvimento**. Salvador: Centro editorial e didático da Universidade Federal da Bahia, 1982.

SILVA, Bárbara Chistine N. [et al]. **ATLAS ESCOLAR BAHIA**. Espaço Geo-Histórico e Cultural. 2. ed. João Pessoa: Grafset, 2004.

SILVEIRA, R.M.G. da. A Questão Regional Gênese e Evolução. In: Espaço e Debate. **Revista de Estudos Regionais e Urbanos**. Ano VII. 1987, n. 7-25.

SILVA, Sylvio Bandeira de M. et al. **Estudos sobre globalização, território e Bahia**. Salvador: UFBA. Mg-DG, 2003.

SZMRECSÁNYI, Tamás; QUEDA, Oriovaldo. **Vida rural e mudança social**. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

TRICART, Jean. **A Terra Planeta Vivo**. Lisboa: Editora Presença, 1980.

TEIXEIRA, Wilson. **TEMPO GEOLÓGICO: A HISTÓRIA DA TERRA E DA VIDA**. Ebook. Universidade de São Paulo. Acesso em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5415861/mod\\_resource/content/1/Geologia%20-%20T%C3%B3pico%2011%20-%20Tempo%20Geol%C3%B3gico%20-%20A%20Hist%C3%B3ria%20da%20Terra%20e%20da%20Vida%20%28geologia\\_top11%29.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5415861/mod_resource/content/1/Geologia%20-%20T%C3%B3pico%2011%20-%20Tempo%20Geol%C3%B3gico%20-%20A%20Hist%C3%B3ria%20da%20Terra%20e%20da%20Vida%20%28geologia_top11%29.pdf). Acesso em: 25 maio 2021.